

APRESENTAÇÃO

Este volume de *Lettres Françaises* será dedicado a textos de e sobre o grande escritor francês contemporâneo, **Yves Bonnefoy**. Foi por concordância do autor e da Editora Mercure de France que obtivemos permissão de publicar nesta revista fragmentos de sua extensa obra. Para torná-la mais próxima dos leitores brasileiros, publicamos alguns estudos que são resultado da reflexão de estudiosos que se debruçaram sobre ela, bem como traduções que a colocam ao alcance daqueles que não podem desfrutá-la na língua original. Agradecemos, sensibilizados, a oportunidade que nos foi oferecida de poder publicar esses textos em nossa revista.

O texto inicial, “Sobre *L’heure présente*”, é de autoria de Patrick Née, crítico francês que é um dos inúmeros especialistas da obra do poeta e ensaísta, e nele debruça-se sobre esse poema que pertence a uma das últimas coleções de Bonnefoy, de 2011, e que recebeu o mesmo nome do poema. Née anuncia, em breve introdução, no que consistirá sua leitura desse poema que ele chama de um texto-suma, pois constitui-se de pensamentos no e pelo poema. “*L’heure présente*”, diz ele, é um poema didático encarnado liricamente na experiência de um “eu” que enfrenta o drama metafísico da linguagem em sua relação com o Ser. Née vai abordar, então, formalmente, as marcas da enunciação e, em seguida, em um plano temático, as modalidades – ônticas e ontológicas – da luz, passando a uma redefinição de Eros no interior do real natural, humano, mas, também, da linguagem. O articulista concluirá sua leitura pelo questionamento sobre a linguagem – que poderia poeticamente se fazer esperança da “palavra”, tal qual a define Yves Bonnefoy – e sobre a “imagem” – pelo fato de sua função de ilusão poder se inverter no aparecimento paradoxal de seu contrário, isto é, no surgimento da “presença”.

Pablo Simpson aborda outra obra de Bonnefoy – *L’Arrière-pays*, publicada em 1972 – para refletir sobre as noções de viagem e de escrita autobiográfica, questões que sempre retornam em seus escritos. Trata-se de um longo ensaio do poeta em que conjuga crítica de arte, reflexão filosófica e relato pessoal, e estabelece um primeiro caminho para reconsiderar a associação entre narrativa e

ficção, tornando-se, na opinião de Simpson, o texto central de sua “conversão”. É a primeira grande narrativa de Bonnefoy, mas com muito pouco de sucessão de eventos e circunstâncias, ou referência a acontecimentos da vida pessoal. É repleta de viagens, de aparições, de reflexões, que interrompem alguns breves relatos onde surge o caminho de uma vida. A tradução corrente do título do livro remonta a uma região que se encontra para trás da costa do mar, e o livro apresenta desde o início uma interrogação sobre esse lugar imprevisto. Um sentimento de inquietação diante da encruzilhada levaria o “eu” face a múltiplos caminhos, ao espaço dilatado da escrita. Simpson diz que a voz que se ouve em *L'Arrière-pays* traz consigo, por meio da crítica de arte e da viagem, ecos de uma leitura do outro que Patrick Née descreve como sendo o ensaio se ficcionalizando gradativamente sem narrativa em sonho, e narrativa se desficcionalizando em momentos de reflexão teórica sobre a linguagem, o sentido, etc. Enfim, a voz da leitura do outro sobrepõe-se, por vezes, à interpretação de si. A imagem do outro, estrangeiro, é mesma proposição de um “eu” confrontado com o imaginário, perguntando-se pelo sonho.

No texto seguinte, resultado de sua tradução das narrativas em sonho de Bonnefoy, *Remarques sur la couleur [Notas sobre a cor]*, Leila de Aguiar Costa realiza um exercício de leitura relativamente livre sobre essa outra obra do poeta. O artigo é tanto mais interessante porque vem retomar as leituras praticadas por Née e Simpson, que vão se complementando e oferecendo ao leitor, pontos essenciais da poética de Bonnefoy. *Remarques sur la couleur* foi publicada em 1977 e compõe-se de nove textos de narrativas em sonho [*écits en rêve*], de que já foi falado anteriormente nos outros artigos, e nas quais a poesia é pensada não mais como uma “metonímia significativa”, mas como uma “metonímia poética”, segundo expressões do próprio Bonnefoy em entrevista concedida a Pedro Rey. A narrativa em sonho deve ser compreendida, pois, como gênero a ser entendido ao mesmo tempo como poético e metalinguístico. Nas *Remarques*, a dimensão analítico-reflexiva presente no ficcional impõe-se em um esforço para pensar as relações entre o homem, seus meios de expressão e a realidade, sobretudo, como sublinha a articulista, porque se parte da constatação das insuficiências da *parole* (palavra) ou dos signos constituídos pelas palavras. Resumindo o que se coloca nessa obra de Bonnefoy, Leila Aguiar menciona que as palavras estão em risco porque não são capazes de apreender o real, porque concebem o ser desembaraçado de toda contingência, porque estão circunscritas e dominadas pelo conceitual. Assim, denunciar o conceito significa denunciar o projeto intrínseco e inerente a toda linguagem e a todo sistema semiológico,

isto é, denunciar sua produção de imagens, de formas e de essências que apenas rivalizam com o que efetivamente é. Significa, portanto, abrir o poético para que se alcance a especificidade e o imediato do ser. À imagem – e nessas narrativas em sonho – à cor, cabe fazer renascer, no interior da prosa poética a presença da coisa ou do ser, pouco importa, que se levanta diante de nós, diz Bonnefoy, no aqui e agora de um instante de nossa existência.

No último artigo, Osvaldo Fontes Filho retoma essa questão da imagem em “Traço que se rompe e palavra que se dobra: Notas sobre a poesia e o desenho em Yves Bonnefoy”. Lembra o articulista que esse poeta quer “devolver ao mundo o rosto de sua presença”, e sua poética não ignora as possíveis aporias da efusão e da imagem. Entre permanecer no imediato e partir para efabulações, o lirismo em Bonnefoy mantém-se a um tempo nostálgico (infância, idade de ouro) e atento ao presente (*hic et nunc*). A análise das coisas não se enrijece na palavra conceitual, esquecimento do particular – a voz poética escava sua profundez memorial. Em *Anti-Platon*, Bonnefoy diz que as coisas daqui pesam mais no espírito que as Ideias perfeitas: ao invés de promessa de leveza do transcendente, ele procura compromisso com um “alhures que seria ainda este mundo”. Ele está interessado na presença (palavra-chave) das coisas. Mas Fontes Filho lembra certos impasses de que o poeta não se vê isento. Em suas críticas, Bonnefoy é tributário de uma tradição segundo a qual a imagem comportaria inevitável circulação entre ilusão e vontade, presença e ausência. Como ele diz, em *Anti-Platon*, ainda, a aparência não é culpada pela nossa difícil apreensão da “presença”, mas sim o conceito que mascara o rosto do ser. A poesia deve recusar a utilização desimpedida do conceito e da imagem, onde permanece o ideal e o maravilhoso utópico. Daí que a forma poética em Bonnefoy recusa a saída estetizante da “boa forma”, pois seja no excesso ou na falta, a imagem está sempre em tensão entre dois mundos, do senso comum e do discurso. Finalmente, o sentimento recorrente é o de uma leitura insuficiente “do que é e do que foi”, e a denúncia frequente da linguagem que se destaca do mundo que ela deveria dizer. Poética, pois, de um aquém da linguagem. Como outros poetas de sua geração, ele não se deixa ludibriar pelos jogos ou facilidades da linguagem e resiste a tudo que conduza à constituição autárquica do poético, como algo autossuficiente, afastado do real. das imagens: repudia aquela que ignora a finitude, mas não a imagem que aceita o papel de “metáfora” do real. Ama as imagens por necessitar de suas múltiplas mediações. E quanto a seus *Récits en rêve*, são narrativas que falam da nostalgia de um caminho que a criação artística poderia ter tomado. São fórmulas enigmáticas que entendem dar ao literário

a cor, a tonalidade e o efeito de estranheza do sonho, sua lógica onírica, por assim dizer. Quanto ao desenho, ele seria tão somente a representação das coisas através de seus “signos”, seus traços distintivos. O traço, a letra assemelhar-se-iam por não possuírem corporeidade alguma que estorve a travessia de sentido.

Na sequência, encontram-se dois textos de Yves Bonnefoy traduzidos por Leila de Aguiar Costa. O primeiro, “A América”, está publicado em *La longue chaîne de l’ancre* [A longa corrente da âncora] de 2008, onde se encontram pesquisas de Bonnefoy que buscam as relações entre a escrita em verso e a em prosa que se dão em regiões do subconsciente. “O pensamento da poesia alimenta-se de situações da existência. O poema nasce na voz. Ele fixa-se nela pela longa corrente de uma âncora, sua escrita”. Palavras de Yves Bonnefoy. Em “A América” ele fala das belezas das bordas do Pacífico.

O outro texto também traduzido por Leila de Aguiar Costa é *Remarques sur la couleur* [Notas sobre a cor], que faz parte da obra *Récits en rêve* [Narrativas em sonho], publicada em 1987. A narrativa em sonho é um gênero que o poeta inventou e no qual ele imita as articulações do sonho, que é feito de condensação, aproximações e de abreviações. Não se trata de uma narrativa de sonho, na qual se conta um sonho concreto, mas sim de dar a sua narrativa a cor, a tonalidade e o estranhamento do sonho.

Guacira Marcondes Machado

